



O DESENHO INFANTIL E O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO¹

Dhessica da Silva Lima (UFPA)

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)- Campus Bragança. Endereço eletrônico: dhessicasilva96@gmail.com.

Debora Brito Lima (UFPA)

Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA)- Campus Bragança. Endereço eletrônico: dbrito463@gmail.com.

Orientadora: Neide Maria Fernandes Rodrigues de Sousa (UFPA)

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Psicóloga e docente da UFPA- Campus Bragança. E-mail: neylla64@gmail.com.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o desenho produzido por duas crianças com idade de três e seis anos que dispunham da fala habitual, em grande progresso, na perspectiva da significação do desenho infantil de Vygotsky. Considerando o desenho um elemento precursor a linguagem escrita convencional, sendo este desmerecido por muitos profissionais que priorizam outras formas de escrita como o ato de desenhar letras e a grafia de palavras, enquanto que as demais demonstrações de escrita como os rabiscos, os desenhos, tracejar de linhas são considerados muitas vezes irrelevantes no processo de desenvolvimento da escrita. Desta forma julgou-se de suma importância analisar a significação destes desenhos (rabiscos) e as contribuições dos gestos para o desenvolvimento da escrita perante o olhar de um ser “não letrado”. No ato de desenhar, utilizou-se da dramatização, para evidenciar por gestos o que queriam apresentar nos desenhos, e assim fora possível interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita. Constatando que os participantes redigiram seus desenhos pela via da memória, no qual a análise e interpretação só fora possível, e tornou-se coerente graças à criatividade e imaginação destes em explicar o que cada traço significara. De modo singular, gerando assim uma representação única e uma forma de expressão a ser considerada.

Palavras- Chave: Desenho Infantil. Significação. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento do desenho infantil permeia ainda um campo pouco discutido no campo educacional, daí decorre o desconhecimento e a pouca valorização dos professores da educação infantil. Logo, faz-se necessário trazer á tona esta discussão que suscita pontos essenciais para o desenvolvimento da criança, bem como para a atuação prática dos professores, que necessitam dar a importância devida para o desenho e para o que este representa, conhecendo assim as fases do

¹ Trabalho curricular elaborado durante a disciplina de Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita.



desenvolvimento, para assim orientá-las em busca de resultados significativos. Compreendendo-a como uma fase pré- operatória ao desenvolvimento da escrita. Entendendo-se que para que o desenvolvimento seja eficaz é necessário dar condições, atenção e estímulo para que este aconteça.

Sabe-se do lugar de destaque que a escrita ocupa e de seu importante papel para o desenvolvimento das crianças. No entanto, a prática pedagógica de ensinar a linguagem escrita, vem tornando-se mecânica e obsoleta, pois, muitas vezes limita-se a dar importância somente ao ato de desenhar letras e grafia de palavras, enquanto que as demais demonstrações de escrita como os rabiscos, os desenhos, o tracejar de linhas, as gesticulações, até mesmo a linguagem verbal, que são utilizadas anteriormente ao desenvolvimento da escrita em si acabam sendo “menosprezados”.

Desta forma, o desenho como forma de expressão permite à criança a possibilidade de mostrar, demonstrar seus desejos, alegrias, frustrações, anseios e tristezas. Por todos os benefícios, torna-se importante um olhar diferenciado para os desenhos das crianças, um olhar de respeito e de consideração pelo que a criança quer expressar. Assim, o professor precisa proporcionar momentos, organizando atividades que possibilitem a criança interagir, gesticular, fazer sons, falar e assim desenvolver a escrita.

Segundo Vygotsky (1998), o desenho/pintura é fundamental, pois, são estágios preparatórios para que a criança desenvolva a linguagem escrita. Para ele os rabiscos que as crianças produzem são representações de situações ocorridas durante o dia-a-dia das referidas, por mais que os adultos não considerem o desenho como representação fiel do objeto, quem vai dá o significado é a criança, pois elas retratam os objetos e as situações como elas enxergam, com um olhar diferente do olhar adulto. Uma representação mais simbolista do que naturalista. Mas, ainda sim uma forma de expressão que precisa ser considerada.

Seber (1995, p.112) apresenta o desenho como uma possibilidade de brincar, de falar, de registrar, e que acaba por ser uma fase que marca o desenvolvimento da infância, pois outras fases decorrem desta, assim a prática pedagógica deverá está voltada para a ação de suscitar e estimular este ato, ocasionando situações que



favoreçam o aprendizado, na concepção que a “evolução do desenho e da escrita estão inteiramente relacionadas.”

Deste modo conhecer a criança, e as fases pelas quais ela vivencia torna-se imprescindível para que a nossa prática esteja direcionada no sentido de orientá-las e respeitá-las de acordo com o seu desenvolvimento, considerando suas particularidades. Corroboramos com Nicolau (1997) ao afirmar que aprendemos sentindo e pensando desde a infância assim, para guiar e compreender a criação infantil é necessário antes de qualquer coisa, conhecer e compreender a criança, considerar as fases do desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

A metodologia empregada na pesquisa fora a prática de observação das produções infantis e posterior análise das contribuições dos gestos e do desenho para a escrita das crianças, objetivando perceber concretamente esse processo de significação dado por elas as suas produções.

Para tanto selecionou-se duas crianças com idade entre 3(três) a 6 (seis) anos, e disponibilizou-se papel A4, lápis de cor e lápis de cera, solicitando que elas fizessem um desenho, sem prévias demarcações, “livre”; no ato da construção solicitou-se que elas narrassem o que estavam fazendo, o que ou quem estavam representando, de modo a entender o que elas estavam caracterizando e conhecer/perceber o que estava por de trás destas interpretações/ produções delas.

Isto possibilitou fazermos as nossas próprias interpretações, a partir das disponibilizadas por elas, já que a criança-autor é a melhor pessoa para dar as devidas interpretações/ significações aos seus próprios desenhos.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as significações e interpretações dadas pelas crianças, o que elas expressam através dos seus desenhos, o que as motiva a fazê-los, como e baseado em que elas produzem tais demonstrações. E o que essas interpretações nos sugerem. Analisando cada estória contada pelos participantes sobre seus desenhos, faremos a análise, tendo como ponto central as discussões e concepções de Vygotsky, verificando como se dá o processo de significação dos desenhos infantis.



E concebendo o desenho infantil como um estágio preliminar ao desenvolvimento da linguagem escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise da produção dos desenhos, pôde-se perceber que os participantes realizaram pela via da memória, fase descrita por Vygostky (1998), como o estágio em que as crianças desenharam os objetos “de memória” sem preocupação com fidelidade e semelhança da produção com o objeto original.

Desenhando assim o que conhecem de fato e não simplesmente o que veem. Ao fazer essa relação pode-se perceber que os desenhos do menino referem-se aos desenhos animados que assiste, de modo que ele representa os personagens que conhece, em seus aspectos gerais. A menina também representa os animais, nos quais tivera contato, e espaço para conhecer seus aspectos e características. De modo singular, gerando assim uma representação única e uma forma de expressão a ser considerada.

O autor aponta que “os desenhos infantis não só não têm nada a ver com a percepção real do objeto como, muitas vezes, contradizem essa percepção”. Ato perceptível nos desenhos das crianças, que acabam perpassando essa percepção do real e abrangendo apenas características que podem ser submetidas a elementos aproximados, desta forma eles alocam características mais gerais, como por exemplo, rabo de animais, e assim esta representação pode ser de qualquer elemento, neste caso o animal que seja portador desta característica- rabo, que pode ser então qualquer um, e o observador do desenho não terá chances de descobrir de fato quem está representado, sendo assim somente a criança poderá de fato dar a devida interpretação ao seu desenho, já que estes fogem da percepção real do objeto.

Partes extremamente importantes do objeto podem ser omitidas nos desenhos; por exemplo, as crianças podem desenhar pernas que saiam diretamente da cabeça, omitido o pescoço e o tronco ou, ainda, podem combinar partes distintas de uma figura. (VYGOSTKY, 1998)

Isso ocorre também na produção do João quando ele desenhava os personagens, fazia sempre, os dois olhos, as mãos que saiam das laterais dos olhos e as duas pernas que saiam de baixo dos olhos, resumindo seus desenhos eram olhos, mãos e pernas. O que Vygotsky chama de “omissão de partes extremamente importantes”, que é o que



ocorre com o menino que acabou omitindo o pescoço e o tronco da Dora e do Macaco Botas. Ou quando ele desenhou o cachorro da Patrulha Canina, no qual ele apenas desenhou uma espécie de círculo achatado, retratando apenas o aspecto geral, a forma do corpo enquanto que as demais partes foram omitidas.

Assim como afirma Sully apud Vygotsky (1998):

As crianças não se preocupam muito com a representação; elas são mais simbolistas do que naturalistas e não estão, de maneira nenhuma, preocupadas com a similaridade completa e exata, contentando-se com indicações apenas superficiais. (VYGOSTKY, 1998)

E enquanto a criança desenha de memória ela utiliza-se da fala para contar uma história, sobre o que aconteceu.

Em seu ato de desenhar, eles utilizaram-se da dramatização, para demonstrar por gestos o que queriam apresentar nos desenhos desta forma, como afirma o autor “os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual”. E isso torna-se notório devido ao fato de que sem as devidas explicações dadas por eles sobre seus desenhos não seria possível interpretá-lo, no caso da Maria não com o contexto de vivência em um espaço de museu, pois tratam-se somente de rabiscos, que só são de fato “informações” graças às gesticulações e a linguagem falada, que fora a mais utilizada por eles, por já adquirirem esta.

É importante então perceber a necessidade de um olhar atento para as crianças e pela sua forma de expressão, pela qual nos permite saber o que estas sentem, como vêm e conhecem as coisas. Pois, só assim de fato é possível compreender a criança em seu estado de “infância”. O autor afirma que “as crianças ao desenharem objetos complexos, não o fazem pelas suas partes componentes e sim pelas suas qualidades gerais”.

Outro aspecto é a linguagem falada, a qual as crianças já possuíam e utilizaram-se dela com muita frequência e exatidão, demonstrando habilidade para expressar-se verbalmente e comprovar o que de fato queriam expressar através de seus desenhos.

Ato que K. Buhler explica quando afirma que “O desenho começa quando a linguagem falada já alcançou grande progresso e já se tornou habitual na criança”. De modo que a fala contribuiu e contribui significativamente para que as crianças possam



expressar-se. As crianças participantes já dispunham da fala habitual, em grande progresso, dessa forma seus desenhos já são alvo mais elaborados e cheios de representações e significações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tese a pesquisa apresentou-se muito significativa no âmbito da discussão sobre o desenho infantil e a sua relevância para o desenvolvimento infantil, bem como para o progresso nas demais fases. Assim como percebeu-se a ligação direta entre a produção de desenhos e a produção escrita, sendo o desenho o elemento precursor da linguagem escrita, que precisa ser considerado em sua plenitude e vivenciado com maior ênfase, valorização e consideração, principalmente na educação infantil.

Também fora possível compreender o processo de significação do desenho infantil em sua completude. Tendo clareza e consciência da necessidade de conhecermos os sujeitos- crianças que vivenciam os diversos ambientes, compreendendo como se dá o processo de desenvolvimento, em cada uma das fases, a fim de respeitarmos o tempo, as especificidades e orientarmos as crianças considerando os diversos fatores para um desenvolvimento saudável e satisfatório.

Concluimos por tanto, que o desenho é uma forma de expressão, que precisa ser considerada, em que evidencia uma série de representações e significações, das quais as crianças utilizam-se durante a infância. E nós enquanto professores precisamos conhecer as nossas crianças em sua plenitude de infância, com a finalidade de organizarmos uma ação pedagógica direcionada e assistiva em que se possibilite oportunidades nas quais as crianças possam vivenciar experiências que propiciem a promoção de competências e habilidades, e corroborem para o desenvolvimento com melhores resultados.

REFERÊNCIAS

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (coordenadora). **A Educação Artística da Criança. Plástica e Música.** Fundamentos e Atividades. Editora Ática, 5ª Edição. 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Editora Scipione. 4ª Edição. 1999. **Pensamento e Ação no Magistério.** Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio- Histórico.



SEBER, Maria da Glória. LUIZ, Vera Lúcia Freire de Freitas, (colaboradora).
Psicologia do Pré – Escolar . Uma Visão Construtivista. Editora Moderna.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo. Martins fontes, 1998.